RevIU – Revista Informação & Universidade
reviu.febab.org.br
Uma publicação da CBBU FEBAB

DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS DE COLEÇÕES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO: o caso da biblioteca setorial do Centro de Tecnologia e Geociências

Collection policy development at the Federal University of Pernambuco: the case of Center for Technology and Geosciences Library

Camila Maria Vieira da Silva Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenadora da Biblioteca Profa. Ivonita Alves Guerra. mila7499@gmail.com

Larissa Gabrielle Araújo e Silva Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). larissagaes@hotmail.com

Diego Andres Salcedo Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). salcedo.da@gmail.com

RESUMO

Trata sobre a elaboração da política de coleções do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco a partir da perspectiva das bibliotecas setoriais. Faz uma revisão de literatura científica sobre o tema. Identifica as influências da implantação da política de coleções com base no estudo de caso realizado na Biblioteca Setorial do Centro de Tecnologia e Geociências da instituição. Especifica a situação dessa biblioteca, do seu acervo e da relação com os seus usuários. Conclui que é urgente a necessidade de uma política unificada de desenvolvimento das coleções do Sistema Integrado da universidade, em que pesem as demandas particulares de cada biblioteca setorial. Num segundo momento, concluiu a título de sugestão que uma prática de gestão de projetos pode ser positiva para essa finalidade.

Palavras-chave: Biblioteca. Desenvolvimento de coleções. Políticas de seleção. Universidade Federal de Pernambuco.

ABSTRACT

Deals with the elaboration of the collections policies for the Federal University of Pernambuco Libraries Integrated System from the perspective of its sectorial libraries. Makes a literature review on the topic. Identifies the influences of the implementation of a collections policy base on the case study in the Center for Technology and Geosciences sectorial library, located within the university campus. It indicates the state of the library, its collection and the relationship with its users. It concludes that there is an urgent need for a unified policy for the development of collections in the Integrated System of the university, considering the particular demands of each sectorial library. In a second moment, it concluded as a suggestion that a project management practice can be positive for this purpose.

Keywords: Library. Collection development. Federal University of Pernambuco. Selection policy.

1 INTRODUÇÃO

Comumente é discutido que vivemos na era da integração digital contínua, que esse episódio vem atrelado a uma explosão informacional cada vez maior. Pois a cada minuto, incontáveis dados e informações são transmitidas pelas mídias digitais, logo, surge uma dúvida no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Como uma biblioteca pode participar de maneira eficaz, eficiente e efetiva nesta era? A elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções, alinhada numa articulação entre acervos analógicos e digitais, pode ser uma resposta plausível.

A Biblioteca Universitária (BU) tem um papel relevante naquilo que diz respeito à formação do estudante universitário. É um espaço de suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ela deve atender as necessidades desses usuários que estão constantemente em busca de novos materiais para suas atividades.

Se a gestão de políticas de desenvolvimento de coleções, particularmente, em bibliotecas universitárias é, para Nascimento e Santos (2012), uma das funções mais básicas da gestão de uma unidade de informação, por outro lado algumas unidades, ainda hoje, não têm políticas definidas.

Esse problema pode ser observado na medida em que estudantes dos cursos de biblioteconomia ao atuarem como estagiários nas bibliotecas universitárias, seja ela biblioteca central seja setorial, identificam diversos e distintos problemas em suas rotinas diárias em relação à falta de uma política de desenvolvimento de coleções. Essa é a realidade, por exemplo, na gestão do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Dito isso, este artigo compartilha alguns aspectos inerentes às rotinas na Biblioteca Setorial do Centro de Tecnologia e Geociências (BIBCTG). Uma breve revisão de literatura científica trata sobre o tema das políticas de desenvolvimento de coleções nas bibliotecas universitárias. Em outro momento do estudo foi feita uma coleta de dados junto a coordenação da BIBCTG. Por fim, a análise dos dados indica uma realidade que precisa ser, urgentemente, sanada nesse sistema de bibliotecas universitárias.

2 BREVE REVISÃO SOBRE AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Há inúmeras universidades no Brasil, porém, existem profundas distinções entre as Instituições de Ensino Superior (IES), não apenas no sentido de sua denominação (Faculdade ou Universidade) e de seu papel social, mas, também, por aquilo que Milanesi (2002, p. 65) cita como sendo um sinal de diferenciação, a saber: "a qualidade do acervo e serviços de informação colocados à disposição dos usuários" (discentes, docentes, técnicos e comunidades no entorno da instituição), por meio das bibliotecas.

Assim, também, sugerem Aguiar e Silva (2010, p. 5), ao relacionarem a biblioteca universitária, com a universidade e o desenvolvimento da sociedade:

no contexto da academia, é papel primordial da BU oferecer o suporte ao ensino, à pesquisa e à extensão. Sendo a pesquisa científica fundamental para o desenvolvimento de um país, a universidade e a biblioteca tornam-se peças-chave nesse processo.

Portanto, é visível a importância da existência de bibliotecas em toda e qualquer universidade. A biblioteca universitária se posiciona entre o usuário e a produção do conhecimento, ela é o suporte para qualquer pesquisa e estudo realizados no ambiente acadêmico. A biblioteca universitária também é um local de apoio a pesquisadores, por isso não deve apenas se limitar às bibliografias básicas, o acervo deve ser o mais variado possível.

A BU também deve ser um local para a promoção de eventos culturais, assim atrairia aqueles que não costumam frequentar esse tipo de ambiente, pessoas ficariam curiosas e iriam se questionar, pois muitos enxergam a biblioteca como um ambiente apenas para estudos em silêncio. Todos ligados a essa instituição possuem o direito de usufruir desse apoio. É papel fundamental da BU auxiliar os usuários com relação às suas necessidades informacionais da forma mais eficaz e eficiente possível.

O contexto em que está inserida a BU é a da era digital. A era da comunicação instantânea e da informação na ponta dos dedos em uma velocidade assustadora. A cada segundo, milhares de novas informações são despejadas na internet, com acesso, por muitas vezes, gratuito. Independente da qualidade da notícia, o poder da internet na transmissão da informação é cada vez maior, em meio à grande quantidade de aparelhos disponíveis.

Isso permite o acesso *online* em tempo real de grandes canais de notícias por meio de redes sociais ou de tecnologias transmidiáticas. Conforme Salcedo (2013, p. 215) "muitas são as novas plataformas digitas de comunicação e informação que possibilitam conectividade e interatividade, além de permitirem a exploração de desconhecidos processos de inovação, criatividade e experiência".

Sob uma perspectiva tecnológica, que pensa e debate sobre as atuais funções das bibliotecas universitárias, a nomenclatura biblioteca 2.0 demanda e resulta numa transformação, de fato, na relação e no comportamento de e entre usuários e as bibliotecas. Nesse contexto, supõe-se que seria normal a evasão das bibliotecas, uma vez que o acesso a informação em formato digital é mais rápido e acessível, contudo, na prática a realidade é outra.

Quadro 1 - Evolução da biblioteca 1.0 para biblioteca 2.0

Biblioteca 1.0	**Biblioteca 2.0**
Correio eletrônico e páginas de questões mais frequentes	Serviço de referência via bate-papo (chat)
Tutoria baseado em texto	Mídia interativa em base de dados
Listas de correio eletrônico	Blogs,wikis, leitoras de RSS
Esquema de classificação controlada	Indexação com base em esquemas controlados
Catalogo impresso	Catalogo agregado com blogs, wiki e páginas web

Fonte: Blattmann e Silva (2007)

Ainda que a quantidade de informação disponível *online* seja tão grande, quanto o acervo de algumas bibliotecas, a qualidade dessas informações torna questionável a explosão de conteúdo que a rede proporciona. Uma vez que "o poder da informação aliado aos modernos meios de comunicação em massa, tem capacidade ilimitada de transformar culturalmente o homem" (PEGADO, BORBA, CARVALHO, 2004, p. 4). Sendo

assim, construir um acervo de qualidade que contraponha essa grande quantidade de "lixo" informacional produzido *online* é fundamental. De tal maneira que vise garantir o bom funcionamento ou bom desempenho das bibliotecas universitárias.

Uma vez que desempenham papel fundamental na vida acadêmica do estudante, independente do nível em que o discente está estudando (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado), as bibliotecas universitárias são unidades organizacionais que atuam como órgãos de apoio informacional com a finalidade de atender satisfatoriamente para esses usuários.

De modo que isso seja possível, a biblioteca universitária precisa de uma política de desenvolvimento da coleção que atenda não, apenas, certo suporte bibliográfico básico exigido por Lei, mas todo o suporte necessário para o ensino, a pesquisa e a extensão.

3 O DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES NO AMBIENTE DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Segundo Weitzel (2002) somente na segunda metade do século XX é que o desenvolvimento de coleções se tornou importante devido à explosão informacional criada proveniente do fim da Segunda Guerra Mundial, com isso garantir informação de qualidade aos usuários se tornou cada vez mais difícil.

Fez-se necessário a criação de políticas de desenvolvimento de coleções para suprir a necessidade de informar, deixando de lado o fator acumulativo presente nas unidades. Esse fato acabou forçando o bibliotecário a redefinir e esquecer antigos paradigmas referentes a seleção de material, para compor o acervo da biblioteca.

O processo de desenvolvimento de coleção pode ser considerado hoje uma das atribuições mais importantes para um bibliotecário, já que a partir deste processo que será definido e/ou melhorado o planejamento de seleção, aquisição, revisão e desbastamento do acervo. Influenciando diretamente as tomadas de decisões do gestor, quanto ao rumo da unidade, e também, sem esquecer a necessidade informacional dos usuários.

Nessa circunstância, o desenvolvimento de coleções é essencial. Para Mattos e Dias "[...] uma das funções que mais necessita de atenção na administração de uma biblioteca é o desenvolvimento de coleções [...]" (MATTOS e DIAS, 2009, p. 39), uma vez que estão ligadas a todo processo técnico.

Portanto, o desenvolvimento de uma coleção deve ser um processo ininterrupto, que mantenha uma manutenção permanente, conforme Miranda (2007) afirma que deve ser feita em parceria entre os bibliotecários responsáveis e o corpo docente. Parceria essa que quando bem executada irá garantir uma qualidade informacional cada vez maior para atender a demanda de usuários.

Sendo assim, para tal processo os profissionais da informação envolvidos com o desenvolvimento da coleção devem seguir a alguns critérios, como "conhecer bem a comunidade; saber julgar o valor de cada publicação; estar a par do orçamento

disponível; uma boa bagagem cultural; conhecimento de outras línguas" (PEGADO, BORBA E CARVALHO, 2004, p. 4).

Nascimento e Santos (2012), ainda definem como um processo primordial nas unidades, pois o bibliotecário é o principal responsável pelo processo de mediação entre material de informação e do usuário, tendo sempre a visão de administrar o conflito de interesses distintos.

Podemos afirmar então que o processo de formar uma coleção é o ato de gerenciar de forma inteligente o acervo, de modo que ele atenda a demanda de usuários existentes dentro da unidade de informação e ainda o ato de desempenhar o papel de mediador.

Uma vez que a construção de uma coleção depende de forma direta de uma seleção de material no meio de um mar de informação. Para isso se torna indispensável que o bibliotecário tenha no mínimo um domínio básico do assunto a qual a coleção está inclusa, como também do conhecimento dos usuários e da demanda que a unidade necessita. Para que desta forma tenha sucesso nos processos ligado ao desenvolvimento e formação de coleções.

3.1 SELEÇÃO

Para Weitzel (2002, p. 64) "desenvolver coleções é uma atividade técnica comprometida com a sistematização de determinada área sob o enfoque institucional em relação aos interesses de quem mantém a biblioteca". Sendo assim, selecionar de forma satisfatória o material que vai ser adquirido pode ser a parte mais importante do processo de desenvolvimento de coleção e o que demanda mais atenção do bibliotecário.

Em consequência de que "as bibliotecas acadêmicas não podem perder de vista os interesses de informação de seus usuários" (MATTOS E DIAS, 2009, p. 43). Por sua vez, Miranda (2007a, p. 87) pontua o processo seletivo como o mais importante do desenvolvimento de coleção, "pois por meio dele se garante a qualidade e o ajustamento do acervo para atender a contento as reais necessidades dos usuários [...] [uma vez que sem esses usuários] a biblioteca não passaria de um depósito de documentos", já que perderia assim seu principal objetivo: informar.

Em suma, o processo de seleção é aquilo que antecede a aquisição, portanto é necessário conhecimento por parte do profissional responsável por esse setor, da comunidade em que a biblioteca está inserida, do perfil da biblioteca e do assunto que está sendo desenvolvido. A partir desse método que o profissional "deverá levar em conta, aquilo que é acessível e o que é acessível" (NASCIMENTO E SANTOS, 2012, p. 2).

3.2 AQUISIÇÃO

O segundo passo no processo do desenvolvimento de coleção consiste na etapa no qual a coleção se concretiza de fato, já que a seleção é processo em que a coleção é "pensada". Sendo "inviável o processo de aquisição, caso não houvesse anteriormente

um planejamento para este fim" (PEGADO, BORBA, CARVALHO, 2004, p. 4. A aquisição pode ocorrer por meio de doação, compra ou permuta.

Para Miranda (2007, p. 13) "o processo de compra requer um criterioso trabalho por parte do profissional encarregado", já que está relacionado diretamente com a manutenção dos recursos financeiros que a unidade dispõe, e por necessitar estar de acordo com aquilo que o corpo docente e discente da unidade precisa.

No caráter público a questão da aquisição se torna ainda mais difícil para o profissional encarregado dela, pois necessita de meios específicos para que seja concretizada. Considerando que a realização da compra deve passar por processo de licitação e outros caminhos burocráticos, o que pode prejudicar ou atrasar o processo de aquisição.

Outro fator importante, na questão de bibliotecas universitárias públicas, diz respeito ao repasse da verba por parte do governo, dado que nem sempre o orçamento previsto é o que a unidade dispõe de fato.

Dessa forma diante da escassez financeira é essencial considerar as possibilidades de partilhar recursos para a redução das dificuldades com o desenvolvimento de coleções sugere Miranda (2007a, p. 91). Isso corrobora com algumas ações de economia colaborativa na atualidade. Também, ações de doação e permuta são salutares nesses casos.

Se o processo de compra demanda muita atenção do profissional ao ser realizado para Miranda (2007, p. 13) o de doação e permuta não exige tanto empenho do profissional. Todavia, isso não significa que essas duas modalidades de aquisição sejam menos importantes e por isso "todos os materiais originários dessa modalidade devem ser analisados antes de incorporá-los ao acervo".

3.3 AVALIAÇÃO

A avaliação da coleção é o processo que antecede o desbastamento, é a partir dos dados obtidos nela que serão considerados os materiais que ainda interessam a unidade ou não. Por isso, essa medida "deve ser sistemática e entendida com um processo empregado para medirmos a importância do acervo com vistas à finalidade da biblioteca" (MIRANDA, 2007a, p. 91).

O processo de avaliação de uma coleção deve considerar o fator qualitativo e o fato quantitativo. O primeiro, nesse caso, depende muito da avaliação de um profissional da área na qual a coleção se refere, e o segundo é onde o funcionário irá mensurar o tamanho e o crescimento do acervo.

Contudo, vale ressaltar o cuidado na análise tanto qualitativa uma vez que não se pode garantir a imparcialidade do especialista escolhido para a observação do acervo. Como também na quantitativa, pois se deve considerar todo o "histórico" do livro e, claro, não se esquecer de levar em conta a opinião dos usuários.

Portanto "a análise comprovará quais as áreas que devem ter as suas coleções inovadas [...] e quais áreas de pesquisa encontram-se desprovidas de materiais

informacionais que necessitam de providências" (MIRANDA, 2007, p. 15), pois é a partir dela que a coleção vai ser reformulada, melhorada ou apenas desbastada.

3.4 DESBASTAMENTO

O desbaste é a última etapa de desenvolvimento de coleções, é a partir dele que os itens avaliados são analisados e "o resultado desse processo poderá culminar no descarte ou no remanejamento" (DIAS, SILVA, CERVANTES, 2013, p. 49) do material.

O descarte é o meio pelo qual uma obra é excluída do acervo permanentemente seja por meio de doação ou não. Já o remanejamento, é o ato retirar o material do acervo para que este seja armazenado e reutilizado, quando necessário. Ambas as medidas segundo Dias, Silva e Cervantes (2013) servem tanto para abrir novos espaços como para manter uma boa avaliação da coleção.

Durante esse processo é essencial, segundo Miranda (2007) considerar a opinião de um especialista na área, para que este julgue o que realmente é essencial ou não para coleção. Porém Achilles (2014) também ressalta que se deve tomar cuidado com a parcialidade e os interesses pessoais daqueles selecionados para avaliar o processo de desbaste, para que a coleção não reflita apenas os interesses próprios do especialista. Conclui-se que o desbastamento consiste no trato do acervo disponível a cada unidade, para que esse venha se adequar com as necessidades da comunidade atendida.

4 O CONTEXTO DA SIB-UFPE

O Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco foi criado como o objetivo de difundir informação, democratizar o conhecimento acadêmico e apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão. O sistema é formado por 13 bibliotecas setoriais especializadas em áreas do conhecimento dos cursos no qual o centro se encontra e uma unidade central responsável por gerenciar todo o sistema. Atualmente o SIB possui cerca de 300 mil títulos, somando um faixa de um milhão de exemplares.

Todas as unidades do SIB atendem aos discentes, docentes e ao público externo advindos de outros centros universitários ou da comunidade próxima de onde está localizada. Mesmo com todas essas considerações, ainda não possui uma política formalmente publicada em vigência, e segundo funcionários da Biblioteca Central, as bibliotecas que compõem os sistemas atuam com políticas informais que variam de biblioteca para biblioteca, de acordo com os interesses do gestor. É com esse cenário que abordaremos o impacto dessa falta de política dentro do SIB, utilizando como base a Biblioteca Setorial do Centro de Tecnologia e Geociências.

Diante das circunstâncias vividas no âmbito da biblioteca no Brasil é imprescindível uma política de coleções para o bom funcionamento das unidades. Ainda assim, mesmo com a vasta literatura que apoia tais afirmativas, a falta de uma política de coleção dentro das bibliotecas, ainda é um fato comum.

Tomemos como exemplo, o caso da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco que apesar de contar com várias coleções históricas em seu acervo e funcionar prestando serviços à população desde meados de 1850, só veio construir uma política de desenvolvimento de coleções no ano de 2012 segundo o Diário Oficial do Governo do Estado.

O que expõe ainda o vício acumulativo ainda vigente em algumas bibliotecas, mesmo no século XXI, e também expõe a falta de uma construção de uma biblioteca interativa. No caso de bibliotecas universitárias, há uma ausência de gestão que realmente atenda de satisfatoriamente todos os três pilares da necessidade do usuário (estudo, pesquisa, extensão).

Uma vez que sem uma política de coleção apropriada, segundo Miranda (2007), pelo menos um desses pilares vai conter algum tipo de falha. Ainda traz bem como as questões sobre relutância de algumas unidades ou de alguns profissionais em modernizar e atualizar o funcionamento da biblioteca. Evidente que isso varia de unidade para unidade, sendo uma realidade mais semelhante das unidades públicas, uma vez que devido às exigências dos usuários as unidades particulares tendem a tentar manter o acervo o mais atualizado possível.

Com um acervo tão grande quanto o do SIB é extremamente importante o desenvolvimento de coleções, considerando o caráter gerencial que esta política acompanha. Pensando nessa perspectiva, segundo Marcos Silva (2016) foi montada em 2010 uma comissão para construção de uma política de coleções para o SIB, baseada em políticas já vigentes em outras instituições. Incluindo também, a vivência empírica do dia a dia de trabalho dos envolvidos e para que isso se tornasse possível, oi decidido que haveria um bibliotecário em cada biblioteca setorial do sistema trabalhando de forma articulada com a Biblioteca Central, constituindo, assim, a referida comissão.

O coordenador da comissão que desenvolve a política deixa clara a questão da necessidade de formalizar a política de desenvolvimento de coleção. E que apesar de ser uma política única do SIB tem a necessidade de ser flexível para atender de forma satisfatória todas as setoriais existentes ao sistema.

Considerando que cada uma tem sua particularidade, porém são atingidas por problemas semelhantes, estão sendo abrangidos nessa política os principais pontos do desenvolvimento de coleções como a questão da seleção, da aquisição e principalmente as questões voltadas ao recebimento de doações. Um setor crítico em muitas bibliotecas setoriais da universidade por conta do volume recebido e do desbastamento seja este para exclusão ou para remanejo.

O coordenador também destaca um “ante-projeto” feito em 1985 por um grupo de colaboradores para a biblioteca central da UFPE, nesse projeto justamente se aborda a questão da importância do desenvolvimento de coleção e de uma política para tal dentro da UFPE, e que deveria ter sido oficializado na época, porém não obteve sucesso. A comissão prevê a conclusão e publicação da política para o segundo semestre de 2016.

5 UMA ANÁLISE DO BIBLIOTECA DO CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIA DA UFPE

Ligada ao Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco, a Biblioteca do Centro de Tecnologia e Geociências é uma biblioteca setorial especializada nos diversos tipos de engenharias, abrangendo também oceanografia, química, matemática e física. De mão de toda literatura já desenvolvida, buscou-se identificar no dia a dia de trabalho como na prática essa falta de política atinge diretamente não somente uma biblioteca, mas um sistema inteiro que abrange 13 unidades fora a Central.

A BIBCTG ainda não possui nenhum tipo de política de coleção própria nem compartilhada ao SIB-UFPE, assim como as demais setoriais da UFPE. Sendo assim, não tem nenhum tipo de procedimento específico protocolado para aquisição por recebimento de doação, que nesta unidade segundo a coordenação funcionam de duas formas.

O primeiro é o repasse de doações recebidas na Biblioteca Central (BC) da UFPE, e o segundo é o recebimento de doação diretamente no balcão de empréstimos da unidade. Em relação ao primeiro o processo de seleção é feito previamente pelos bibliotecários da BC-UFPE e são enviados as unidades de interesse apenas para processamento técnico.

No segundo caso, a doação deve obedecer a alguns critérios que são: estar em bom estado de conservação; a edição não deve ser muito antiga (limite de 10 anos no máximo); o título deve condizer com as áreas específicas do acervo. Além disso, o doador deve preencher um formulário onde reconhece que os itens doados passarão por seleção e o que podem ser incluídos no acervo ser repassados a outras unidades ou desbastados.

O problema é que nem sempre esses critérios são atendidos, muitas vezes os títulos vêm lacrados em caixas sem nenhuma identificação ou os doadores simplesmente depositam na biblioteca sem preenchimento de formulário. Isso resulta numa demanda maior do que a biblioteca deveria receber e em muitos itens que não são do interesse da unidade.

Para aquisição por compra é feita através da demanda solicitada pelos coordenadores ou professores do centro no qual a biblioteca está inserida, uma listagem previa é formada e encaminhada para a BC. Quanto ao desbastamento é o ponto mais crítico do SIB, pois não existe nenhum tipo de procedimento, nem mesmo informal para realizá-lo. Independente de como o livro seja adquirido, ele não possui meios para ser remanejado ou descartado e isso pode ser observado não somente na BIBCTG, como também em outras unidades ligadas ao SIB.

A consequência dessa falta de política das bibliotecas ligadas ao SIB-UFPE é a formação de "mini depósitos" dentro das bibliotecas setoriais da universidade. Onde são colocados todos os livros de doação recebidos, assim como aqueles que por algum motivo não estão mais no acervo ativo, fica então a pergunta: quando e de que forma realizar o desbastamento?

Na BIBCTG, esse "mini depósito" é referente a uma sala inteira com cerca de 5-10 mil itens entre periódicos, livros, panfletos, microformas, anotações, mapas e etc.

Material esse quando analisado de forma empírica foi constatado datar de meados dos anos 2000, ou seja, a mais de uma década esse material está parado dentro de uma sala fechada indisponível para empréstimo ou consulta.

Como não existem políticas para receber o material, também não existe procedimento para processamento técnico. O que ocorre é apenas uma seleção, de maneira geral, dos itens recebidos que os bibliotecários responsáveis do processamento técnico já sabem que interessa ao acervo ou quando observam que são itens bastante requeridos pelos usuários.

Todavia, os materiais adquiridos por compra recebem prioridade na inserção ao acervo circulante. Constatou-se que durante a seleção realizada, foram encontrados também muitos livros danificados, com fungos e que não pertencem à área de atuação da biblioteca.

Outra conseqüência negativa para o BIBCTG diz respeito ao acervo desatualizado e desgastado, com livros sem condições de uso que ainda pertencem ao acervo pela burocracia que é gerada para o descarte ou desbastamento. Para a coordenação da biblioteca, atuar sem uma política formal gera um sentimento de incapacidade, no sentido de realizar um trabalho que atenda de forma realmente satisfatória os usuários. Logo, a política que vem sendo desenvolvida, auxiliaria na solução ou pelo menos numa melhora desses problemas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de políticas de desenvolvimento dentro de bibliotecas universitárias sejam elas públicas ou particulares pode ser o diferencial para o bom funcionamento de uma unidade. Criar uma coleção voltada para informar de forma que realmente agregue conhecimento aos usuários, deveria ser a regra e não a exceção. Principalmente, no que tange ao meio acadêmico.

Assim, o exemplo de que a política de desenvolvimento de coleções está sendo desenvolvida no SIB com a coordenação da Biblioteca Central e participação direta das setoriais nas tomadas de decisão não é somente necessária como essencial. Não somente por regulamentar alguns procedimentos que já vinham sendo desenvolvidos informalmente, como também, para auxiliar nos problemas decorrentes da falta dessa política.

Outro aspecto relevante no escopo temporal atual é considerar os resultados importantes das pesquisas que estão sendo realizadas, mesmo em tempos pandêmicos, no âmbito do Grupo METIC, da UFPE, em que está ficando clara a necessidade de uma transformação cultural nas bibliotecas universitárias brasileiras no sentido de uma cultura de gestão de projetos (SILVA et al, 2019; SILVA et al, 2020).

Enfim, seria salutar ao SIB da UFPE e aos seus usuários que algumas medidas de planejamento e de gestão, dentre elas o de políticas de desenvolvimento de coleções, fossem unificadas e comuns, assim, agilizando e desburocratizando as rotinas cotidianas. Por outro lado, estabelecidas as medidas, haveria a necessidade de manter as idiossincrasias e demandas de cada biblioteca setorial.

REFERÊNCIAS

ACHILLES, D. Desenvolvimento de Coleções: apontamentos teóricos sobre bibliotecas especializadas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS E COMUNITÁRIAS - BIBLIOTECA VIVA. 7, São Paulo. **Anais**... São Paulo: SISEB, 2014.

AGUIAR, G. A.; SILVA, J. F. M. da. As bibliotecas universitárias nas redes sociais: facebook, orkut, myspace e ning. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em: http://goo.gl/k7Vmb9. Acesso em: 22 maio 2020.

BLATTMANN, Ú.; SILVA, F. C. C. da. Colaboração e interação na web 2.0 e biblioteca 2.0. **Revista ACB**: Biblioteconomia em SC, Florianópolis, v. 12, n.2, p.191-215, jul./dez., 2007. Disponível em: http://goo.gl/kWsFES. Acesso em: 22 maio 2020.

DIAS, G. D., SILVA, T. E., CERVANTES, B. M. N. Políticas de informações nas bibliotecas universitárias: um enfoque no desenvolvimento de coleções. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.11, p.39-54, jan/abr., 2013.

MATTOS, A. M.; DIAS, E. J. W. Desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias: uma abordagem quantitativa. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 14, n. 3, p.33-60, set./dez., 2009.

MILANESI, L. **Biblioteca.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MIRANDA, A. C. C. Desenvolvimento de Coleções em Bibliotecas Universitárias. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 01-19, jan./jun., 2007.

MIRANDA, A. C. C. Formação e Desenvolvimento de Coleções em Bibliotecas Especializadas. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 17, n.1, p. 87-94, jan/abr., 2007a.

NASCIMENTO, A. V.; SANTOS, A. C. G. Desenvolvimento de coleções em Bibliotecas Universitárias: o caso dos repositórios institucionais. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. 2012, Gramado [RS]. **Anais...** Gramado: UFRGS, 2012. Disponível em: http://goo.gl/ZgnbrV. Acesso em: 22 maio 2020.

PEGADO, F. M. C., BORBA, M. S. A., CARVALHO, M. M**.** Desenvolvimento de coleções: análise em instituição privada. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. 2004, Rio Grande do Norte. **Anais**... Natal [RN]: UFRN, 2004. Disponível em: https://goo.gl/stUC6z. Acesso em: 22 maio 2020.

SALCEDO, D. A. **Espelhos de papel**: pelo estatuto do selo postal. 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1088. Acesso em: 27 de maio 2020.

SILVA JUNIOR, A. S.; FERREIRA, I. N. C.; SALCEDO, D. A. Da gestão tradicional para a cultura de gestão de projetos em bibliotecas: o caso das instituições de ensino superior do recife. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 2, p. 427-447, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/113915. Acesso em: 07 maio 2020.

SILVA JÚNIOR, A. S.; BARROS, L. F.; BARBOSA, D. T.; SALCEDO, D. A.; FERREIRA, I. N. C. A gestão de projetos em bibliotecas universitárias: análise sobre as práticas. **Revista ACB**: Biblioteconomia

em Santa Catarina, v. 25, n. 1, p. 142-156, 2020. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/138132. Acesso em: 07 maio. 2020.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987

VERGUEIRO, W. C. S. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em efervescência. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 93-107, jan./jun., 1997.

WEITZEL, S. R. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. ***Transinformação***. Campinas v.24, n.3, p. 179-190, set./dez., 2012.

WEITZEL, S. R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectiva em Ciência da Informação.** Belo Horizonte, v.7, n.1, p, 61-67, jan/jun., 2002.